

Uma teoria de uma teoria do smartphone

Daniel Miller¹

University College London

TRADUÇÃO

Carolina Parreiras²

Universidade de São Paulo

REVISÃO TÉCNICA

Beatriz Accioly Lins³

Universidade de São Paulo

Resumo: Esse artigo aborda as consequências da teoria na ciência social. Ele sugere que a teoria se tornou fetichizada e contribui para diferenciação de classe, na medida em que a maioria das pessoas são excluídas de sua forma cada vez mais ofuscante. Fetichismo significa que aquilo que costumava ser um meio de esclarecer e de explicar o mundo se tornou um fim em si mesmo. Esse artigo apresenta uma abordagem alternativa sobre a teoria como desfetichizada, usando como exemplo uma tentativa recente de teorizar o smartphone. Nessa abordagem, os processos de abstração, generalização e descontextualização que são necessários para criar teoria são negados, simultaneamente, por meio de exemplo, recontextualização e formas de disseminação altamente acessíveis. São fornecidos dois exemplos de nossa teorização recente sobre o smartphone, primeiro como uma Casa Transportal ⁴(Transportal Home); e segundo, como Além do Antropomorfismo (Beyond Anthropomorphism).

Palavras-chave: classe; antropologia digital; etnografia; smartphones; teoria.

¹ Doutor em Antropologia e Arqueologia pela Universidade de Cambridge (1983). É professor no Departamento de Antropologia da University College London (UCL), onde coordena o Mestrado em Antropologia Digital e é diretor do Centro de Antropologia Digital.

² Antropóloga, doutorada em antropologia pela Unicamp. Pesquisadora do Departamento de Antropologia da USP e coordenadora do Laboratório Etnográfico de Estudos Tecnológicos e Digitais (LETEC). A presente tradução foi realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo 2021/06857-7.

³ Antropóloga, doutora e mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de São Paulo. Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS/USP). Atua com os temas de violências contra mulheres, acesso a direitos, estudos sobre internet/interfaces comunicativas digitais e antropologia jurídica.

⁴ NT: Ao traduzir, a opção foi por aplicar um neologismo para manter o sentido dado por Daniel Miller ao termo “transportal” em inglês, como algo que não apenas nos transporta, que transportamos conosco, mas que cria um portal para diferentes realidades. Nenhuma palavra em português tem sentido semelhante. Por isso, leiam transportal, aplicada aos smartphones, como a casa que nos transporta e que nós transportamos, sempre neste processo de mão dupla.

A theory of a theory of the smartphone

Abstract: This article addresses the consequences of theory in social science. It suggests that theory has become fetishized and contributes to class differentiation as most people are excluded from its increasingly obfuscating form. Fetishism implies that what used to be a means for clarifying and explaining the world has become an end in itself. This article presents an alternative approach to theory as de-fetishized, using as an example a recent attempt to theorize the smartphone. In this approach the processes of abstraction, generalization and de-contextualization that are required to create theory are negated through simultaneous illustration, re-contextualization and forms of highly accessible dissemination. Two examples are provided from our recent theorization of the smartphone, first as Transportal Home and, second, as Beyond Anthropomorphism.

Keywords: class; digital anthropology; ethnography; smartphones; theory.

Una teoría de una teoría del smartphone

Resumen: Este artículo aborda las consecuencias de la teoría en las ciencias sociales. Sugiere que la teoría se ha fetichizado y contribuye a la diferenciación de clases, ya que la mayoría de las personas quedan excluidas de su forma cada vez más confusa. El fetichismo implica que lo que solía ser un medio para aclarar y explicar el mundo se ha convertido en un fin en sí mismo. Este artículo presenta un enfoque alternativo a la teoría como desfetichizada, utilizando como ejemplo un intento reciente de teorizar el smartphone. En este enfoque, los procesos de abstracción, generalización y descontextualización necesarios para crear teoría se niegan mediante la ilustración, la recontextualización y formas de difusión altamente accesibles. Se presentan dos ejemplos de nuestra reciente teorización del smartphone: primero, como Hogar Transportal y, segundo, como Más Allá del Antropomorfismo.

Palabras clave: clase; antropología digital; etnografía; smartphones; teoría.

APRESENTAÇÃO

Sobre a importância de traduzir Daniel Miller

Em 2004, a revista *Horizontes Antropológicos*, lançou o primeiro dossiê brasileiro – intitulado “Antropologia@web” – sobre antropologia e estudos de internet, que tinha como objetivo pensar “os impactos das redes digitais e eletrônicas na produção de saberes e fazeres etnográficos” (p. 7). Com organização de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert, este dossiê, para além de seu pioneirismo e da cuidadosa seleção de textos – que infelizmente só fomos notar com o devido cuidado muitos anos mais tarde – trazia uma tradução que marcaria o campo da antropologia digital no Brasil.

Trata-se do texto “Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad”, de autoria de Daniel Miller e Don Slater, traduzido por Soraya Fleischer com revisão de Cornélia Eckert. Imagino que, ao realizarem a seleção deste texto para o dossiê e sua tradução, as duas pesquisadoras não tinham a dimensão do significado que este artigo teria para formação deste campo no país e também para um deslocamento fundamental no modo como a internet passaria a ser vista em nossos estudos. No entanto, foi exatamente o que aconteceu. Não por acaso, este texto – que completa agora 25 anos – continua a ser leitura obrigatória em qualquer curso de antropologia digital ou mesmo de metodologia de pesquisa/pesquisa antropológica.

Daniel Miller já era bastante conhecido no Brasil quando este texto foi traduzido, especialmente por seus trabalhos no campo da antropologia do consumo e cultura material. O texto em questão faz parte do começo de sua longa (e duradoura, visto que ele continua nesta área) trajetória no que se chamava naquele momento de estudos de cibercultura ou, de forma mais englobante e usada até hoje, *internet studies*. O artigo faz parte do livro (nunca traduzido integralmente) *The Internet: an ethnographic approach*, lançado por Miller e Slater no ano 2000. Este livro, juntamente com *Virtual Ethnography*, também publicado no ano 2000 e de autoria de Christine Hine, representam marcos inescapáveis no campo da antropologia e de seu interesse em compreender as novas formas de relação proporcionadas pela internet, bem como de que modo poderíamos repensar as técnicas etnográficas a partir destes novos contextos. Era um novo campo que se descortinava, mas um campo que demorou muitos anos para ganhar o reconhecimento que merecia. Daniel Miller foi uma voz fundamental neste processo como veremos adiante.

Lembro-me bem, quando ainda uma aluna de primeiro ano de mestrado, do quanto a leitura deste artigo de Miller e Slater (2004) mudou os rumos de minha pesquisa e da forma como passei a pensar de forma analítica os significados que a internet assumia na vida das pessoas. Ao não refutarem a separação entre real e virtual e ao não assumirem de antemão qualquer relação de oposição prévia entre online e off-line, os autores nos convidam a pensar em contextos, em relações e nos múltiplos deslizamentos que online e off-line podem ter. Em termos êmicos, as pessoas podem usar diferentes categorias para se referirem a estas relações. Aqui, entretanto, o impacto é analítico e ele desloca completamente os

modos como passamos a pensar as várias internets conformadas pelas pessoas em seus usos e relações.

Anos depois é novamente um artigo de Daniel Miller, desta vez em parceria com Heather Horst, que traz importantes repercussões para o campo. Intitulado “The digital and the human: a prospectus for digital anthropology”, este texto abre o livro *Digital Anththropology* (2012), organizado pelos dois autores. Aqui, já temos a importante mudança de nomenclatura, com a introdução termo digital, o que ressalta a importância de levar em consideração as relações sociotécnicas que o conformam. Ressaltam também o fato de que, ao contrário do que as pessoas críticas do digital e do estudo do mesmo dentro da antropologia diziam, falar da tecnologia e da internet não estava nos fazendo menos humanos/as. Ao contrário, “o digital dá à antropologia várias novas oportunidades de nos ajudar a entender o que significa ser humano/a” (MILLER e HORST, 2012: 4 – tradução minha). Além disso, o artigo reconhece a antropologia digital como um subcampo da disciplina, algo fundamental e que representa uma conquista para todas nós que, durante anos, recebemos críticas e tivemos nossos trabalhos questionados por não serem “antropológicos” o bastante. Daniel Miller foi parte fundamental do esforço global de reconhecimento e fortalecimento do campo e não por acaso seus escritos tiveram e continuam a ter tanta penetração no Brasil.

A escolha deste texto não foi aleatória. Ele foi lançado em 2021, no auge da pandemia de Covid-19, e tive a oportunidade de realizar sua leitura semanas após o lançamento. Desde o início acompanhava o trabalho de Daniel Miller, li quase tudo que ele escreveu, participei de seu curso online que era parte do projeto *Why We Post* (descrito no artigo ora traduzido), mas este texto em particular me despertou muitas questões. Certamente, o fato de estar confinada sozinha em casa, vivendo grande parte vida com e no meu smartphone fizeram com que o significado fosse bem particular. Nossos smartphones, de fato, se tornaram essas “casas transportais” que guardam partes fundamentais de nossas vidas e das quais parece cada vez mais difícil nos desvencilhar. Os exemplos etnográficos trazidos no artigo muito provavelmente parecerão próximos para muitas pessoas. Acima de tudo, acho que fazem problematizar o lugar que os smartphones têm ocupado em nosso cotidiano, como eles se incorporam em nossas vidas, andam em nossos bolsos, bolsas e mochilas, viram lugares de arquivo, de memórias e de uma série de atividades que parecem impensáveis sem sua presença.

Mas, para além destas reflexões específicas e importantes sobre os smartphones, o texto traz discussões que me parecem fundamentais não apenas para o campo da antropologia digital, mas a antropologia em sentido amplo. Ao questionar a centralidade da teoria e o modo como temos produzido teoria, Miller nos convida a pensar nas maneiras como temos feito ciência, em como ensinamos antropologia e, mais do que isso, em que antropologia queremos produzir. Assim como ele, a antropologia que desejo é acessível, aberta, para todas, todos, todes e que não está preocupada apenas com erudição.

Desse modo, traduzir Daniel Miller, em um mundo de IAs generativas que poderiam ter feito esse trabalho artesanal de semanas em questão de minutos, se justifica por sua importância para a antropologia e para a antropologia digital em particular. Significa o reconhecimento de que ele nos ajudou a conformar caminhos interessantes de pesquisa e pensamento ao nos fazer questionar certezas, separações dadas como estanques e a forjar um conjunto analítico potente que foi ressignificado no contexto brasileiro com um vigor impressionante.

Agradeço imensamente ao professor Miller pela autorização (recebida por ele com muita alegria) para traduzir este artigo. Agradeço à amiga e colega Beatriz Accioly Lins pela revisão atenta.

Carolina Parreiras

Referências

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: Sage, 2001.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The internet: an ethnographic approach*. Oxford; New York: Berg, 2000.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, 21: 41-65, 2004.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. *Digital anthropology*. London/New York: Berg, 2012.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Apresentação. *Horizontes Antropológicos*, 21: 7-11, 2004.

TRADUÇÃO

Uma teoria de uma teoria do smartphone⁵

As consequências da teoria

Há uma infinidade de livros e artigos que discutem teoria das ciências sociais conforme utilizada em disciplinas como antropologia e estudos culturais, que incluem diversas revisões de teóricos mais antigos (por exemplo, BEILHARZ, 1991) e teóricos mais recentes (por exemplo, SEIDMAN e ALEXANDER, 2001). É muito fácil encontrar discussões de Michel Foucault, Clifford Geertz ou Stuart Hall. Em contrapartida, é surpreendentemente difícil encontrar uma definição clara do que uma teoria em ciências sociais realmente é ou deveria ser. Provavelmente, é justo dizer que não há uma definição consensual nem padrão de teoria nas ciências sociais, ainda que possa haver discussões mais explícitas de abordagens particulares, tal como a *grounded theory* (GLASER e STRAUSS, 1967; CHAMAZ e BELGRAVE, 2007). Uma contribuição influente foi intitulada *What theory is not – O que a teoria não é* (SUTTON e STAW, 1995: 371), porque, como os autores sugerem: ‘Há pouca concordância sobre o que constitui uma teoria forte em posição a uma teoria fraca nas ciências sociais, mas há mais consenso de que referências, dados, variáveis, diagramas e hipóteses não são teoria’. Muito embora, nestes pontos, Weick (1995) tenha sugerido que os cinco sejam essenciais para a teorização, se não para a teoria. Os mesmos autores também fornecem um guia bastante útil quando sugerem:

Que a teoria é a resposta para perguntas sobre por que. A teoria trata das conexões entre fenômenos, uma história que explica por que atos, eventos, estrutura e pensamentos ocorrem. A teoria enfatiza a natureza de relações causais, identificando tanto o que vem primeiro, quanto o momento por meio do qual tais eventos se desenrolam. Uma teoria robusta, em nossa perspectiva, investiga os processos subjacentes de modo a entender as razões sistemáticas que explicam a ocorrência — ou a não ocorrência — de determinado fenômeno. (SUTTON e STAW, 1995: 378)

Se isto pode ser aceito como um resumo razoável do que muitos considerariam como teoria, então este artigo não buscará aprimorá-lo. Em vez disso, a premissa aqui é que assumir a responsabilidade pelas consequências da teoria pode ser mais importante do que desenvolver consenso sobre o que é teoria. A falta de uma definição consensual não tem se mostrado ser uma barreira para a insistência em que o trabalho acadêmico deva incluir teoria ou prestar homenagem à teoria. Uma crítica à teoria contemporânea é essencial para abrir caminho à promoção de uma abordagem bastante distinta em relação à teoria. Dada essa ênfase

⁵ Originalmente publicado no *International Journal of Cultural Studies* (volume 24, número 5, 2021), em formato *open access*. De acordo com as regras do *Sage Publications*, o artigo publicado neste formato pode ser traduzido sem fins comerciais. Agradeço à editora pela pronta resposta à minha solicitação. O artigo original pode ser acessado em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1367877921994574>

nas consequências, o artigo examinará como a teoria deve ser apresentada e disseminada, em vez de o que a teoria é ou de onde ela se origina. Procurarei desenvolver essa abordagem alternativa a partir da reflexão sobre um exercício recente em que, juntamente com uma equipe de antropólogos e antropólogas, aplicamos esta abordagem alternativa à teoria por meio da tarefa de criar uma teoria sobre o smartphone.

Acadêmicos/as das ciências sociais e de áreas como a dos estudos culturais compartilham, em geral, um compromisso com a exposição das assimetrias de poder, tanto do passado quanto do presente. Trata-se, talvez, do propósito mais comumente compartilhado nas esferas de estudos acadêmicos. Se esse for o caso, então certamente deveria se seguir que os/as praticantes destes estudos tenham um comprometimento igualmente evidente de expor quaisquer assimetrias de poder para as quais eles/as mesmos/as possam estar contribuindo. Pareceria ao mesmo tempo hipócrita e profundamente perturbador se, ao mesmo tempo que condenamos as assimetrias de poder, nós as estivéssemos criando: se o próprio apelo ao pensamento crítico estivesse, de alguma forma, se tornando uma parte integrante da criação de elites opressoras e excludentes. Se assim fosse, poderíamos então vislumbrar uma alternativa que, ao invés disso, nos ajudasse a facilitar a inclusão e a igualdade que defendemos?

O teórico que mais claramente apresentou o caso para a acusação (ainda que eu também o considere um autor do crime) foi Pierre Bourdieu (1979), em seus escritos sobre educação e classe. Seus argumentos são bem conhecidos, de modo que aqui serão apenas brevemente retomados. Bourdieu argumentou que a educação superior, junto com a arte moderna, teve o efeito direto de criar, como sugere o título de seu livro, *Distinção*. Um meio para distinguir a elite dos *hoi-poloí* que resulta na educação superior se tornando a principal contribuidora para a formação e reprodução de classe. Isso é alcançado a partir da criação de corpos de abstração e ofuscação. Seu exemplo principal foi o modo como a arte moderna deixou de ser uma forma de representação baseada em critérios estéticos tradicionais, como a beleza, para se tornar uma prática bastante esotérica que renunciou a esses valores anteriores. Como resultado, a arte moderna assume formas que a elite pode alegar saber interpretar, enquanto o restante da população já não consegue mais entender porque essas coisas são consideradas arte. A criação subsequente de distinções de classe é facilitada pelo ensino superior que ensina as chaves (competências) para desbloquear essas passagens rumo ao status elevado, ao mesmo tempo em que assegura que todos os demais permaneçam de fora, perplexos e diminuídos por sua incapacidade de entender o que estava acontecendo. A educação, portanto, produz o que Bourdieu chama de uma “aristocracia da cultura”, por meio do duplo processo de enobrecimento e estigmatização (BOURDIEU, 1979: 23-6).

Ainda que Bourdieu tenha se concentrado na relação entre educação e arte moderna, há um candidato igualmente óbvio, ainda mais perto de nós, que é a forma assumida por certa teoria contemporânea. A preocupação aqui não é com toda a teoria das ciências sociais, que é um campo muito vasto e diverso para ser incluído em qualquer generalização específica. Mas há uma parcela dominante que se ajusta aos propósitos do ensino superior porque, simplesmente por virtude de sua natureza ofuscante, é difícil de interpretar. Então, isso pode ajudar a diferenciar aqueles que podem ser considerados particularmente inteligentes dos demais. O ensino superior é explicitamente dedicado a avaliar estudantes em uma escala de quão inteligentes eles aparentam ser. Criar uma teoria complexa é um

corolário natural desta tarefa. Para caracterizar este processo, um artigo de ciências sociais que cita Deleuze e Guattari (1972) ou Lacan (1977) ou Bhabha (1994) está, portanto, incorporando uma linguagem que é pelo menos tão intimidante quanto o exemplo mais obscuro de arte moderna.

O argumento do parágrafo anterior implica que não há necessidade de sugerir que cientistas sociais tenham deliberadamente fomentado um regime com o propósito de intimidar e excluir a população em geral. É razoável compreender isso como um efeito colateral infeliz de algo que é mais inerente ao ensino superior: a criação de um mecanismo para a classificação interna de seus/suas praticantes. Mas seja qual for a intenção, as consequências seriam as mesmas - uma contribuição significativa para a diferenciação de classe. Outro aspecto que transforma a teoria em um dispositivo de opressão ocorre por meio de um momento clássico de fetichismo. A teoria surgiu na antropologia, por exemplo, como uma maneira de ajudar a entender, explicar e dar clareza aos achados empíricos. Algo mais próximo da definição de teoria com a qual este artigo começou. Isso era comum desde o tempo de Malinowski até os primeiros escritos de Geertz ou de Sahlins. Os debates sobre o estrutural-funcionalismo podem não ter sido de particular interesse fora da academia, mas a linguagem e o argumento eram compreensíveis.

Hoje, por outro lado, muitas das teorias mais influentes não fornecem explicações claras para o que observamos no mundo. De um meio para este fim, ao invés disso, a teoria se tornou um fim em si mesma. Passamos a explorar outras sociedades como etnógrafos/as a fim de oferecer dádivas para a divindade teórica. Este fetichismo é mais evidente em nossos usos cotidianos do termo, como quando professores/as dizem a seus/suas alunos/as: *'seu ensaio é insuficiente porque não tem teoria suficiente'*. A teoria sendo usada quase como um tipo de medida quantitativa dos componentes necessários de um ensaio. Isto significa, normalmente, que o ensaio não cita ou debate com teóricos suficientes. Dizer aos/às estudantes para adicionar mais teoria pode ajudar suas perspectivas de carreira ao demonstrar sua destreza nesta tarefa cada vez mais difícil. Não há uma fronteira clara para sugerir qual proporção de teoria contemporânea é fetichista. Mas duvido que seja controverso sugerir que este tipo de teoria tenha crescido em importância se comparada às ciências sociais da década de 70.

É o uso da teoria fetichizada que quero destronar, pois o problema não é a teoria em si. Uma teoria desfetichizada é, ao mesmo tempo, essencial e bem-vinda. Sem dúvida apoiaríamos procedimentos que nos ajudem a entender, explicar e esclarecer achados empíricos e que ajudem a elevar as ciências sociais para além do paroquialismo de estudos específicos, um risco particular para a antropologia, disciplina cujo mecanismo primário é a etnografia. A teoria certamente nos ajuda a equilibrar o paroquialismo. Os exemplos apresentados mais adiante neste artigo mostram como o uso de estudos comparativos para desenvolver uma teoria que pode ser claramente exemplificada, por exemplo, sob a forma de analogias, pode atingir os objetivos da teoria sem o mesmo grau de ofuscação. Isto é então usado para caracterizar a teoria desfetichizada, aquela que não facilita a diferenciação de classe. Idealmente, queremos uma teoria que faça o exato oposto da teoria fetichizada. Uma teoria que torne nossos achados tão evidentes e interessantes para o público em geral que o maior número de pessoas aprenda o máximo possível com as ciências sociais e os estudos culturais e se sintam incluídas na educação global.

O relato etnográfico, que é meu próprio campo de pesquisa, é comumente fascinante, em si mesmo uma revelação. Quando bem apresentado, ele pode pos-

suir um humanismo, um imediatismo e, muitas vezes, uma pungência que deveriam ser fáceis de compartilhar. Isso é um reflexo do que o filósofo Paul Ricoeur (1984-88) identificou como a humanidade comum em narrativas sobre as lutas da vida. Mas trancamos a porta e tornamos tudo isso inacessível quando enquadrados os resultados em uma teoria cujo nível de generalidade, descontextualização e abstrações frias trai a nuance, a sensibilidade e a acessibilidade do relato etnográfico. Isso é particularmente lamentável quando os sujeitos de estudo, como frequentemente ocorre tanto nos estudos culturais quanto na área de antropologia digital, na qual eu trabalho atualmente, são temas de interesse comum, tais como os efeitos das mídias ou, neste caso, a tentativa de compreender o smartphone.

Estudos culturais e *grounded theory*⁶

Os estudos culturais não são estáticos nem homogêneos. O meu próprio trabalho foi muito influenciado por Stuart Hall (ex. HALL e JEFFORSON, 1976) e pelas primeiras monografias da Escola de Birmingham, que eram bastante etnográficas (ex. HEBDIGE, 1979; WILLIS, 1978). Este estratagema etnográfico inicial foi subsequentemente recusado como um fundamento para os estudos culturais, mas permanece a base para o trabalho descrito neste artigo. Como observou Slack (1996), Hall queria que a teoria fosse parte do processo, e não um fim em si mesma. Muitas vezes, um desvio que facilitaria a mudança de perspectivas. Muito diferente da ferramenta formal em que a teoria havia se transformado para vários de seus contemporâneos, fortemente influenciados pelos escritos de Althusser. Um ponto semelhante foi colocado por Alasuutari (1996), que via a teoria, nos estudos culturais, como uma moldura de investigação que guia nossa perspectiva. Os escritos de Hall eram geralmente mais legíveis e visavam à inclusão, em vez da exclusividade.

A abordagem deste artigo permanece próxima a Hall e ao subsequente interesse, no Reino Unido, na economia cultural, mas com uma grande ênfase nas consequências da teoria. O contraste estaria em trabalhos como o de Hall e Birchall (2006), que promoveram a teoria em si mesma e temiam pelo declínio da teoria nos estudos culturais. Não estou reivindicando que esse redirecionamento da teoria deva incluir a totalidade das pesquisas culturais e das ciências sociais. Todos os/as pesquisadores/as com quem trabalho também escrevem artigos acadêmicos que podem lidar com temas esotéricos, usando termos específicos de um subcampo. Há espaço para muitos tipos de teoria. Às vezes, uma escrita difícil é necessária e apropriada (ver CULLER e LAMB, 2003). Uma teoria desfetichizada é mais importante quando estamos lidando com tópicos como os smartphones, que são de interesse considerável para a educação pública em geral. Pode não ser pertinente, por exemplo, para um estudo de parentesco histórico ou das mudanças linguísticas precisas em um subgênero de mangás. Além disso, como antropólogo, me preocupa que nosso trabalho seja acessível em regiões onde as rendas podem ser mais baixas e em que há menos acesso ao ensino superior - as mesmas regiões onde frequentemente conduzimos nosso trabalho de campo e pelas quais temos uma responsabilidade particular.

⁶ A *grounded theory*, conhecida também como teoria fundamentada em dados, tem como princípio ancorar a construção teórica nos dados de pesquisa, ao invés de partir de teorias prévias.

Há uma sobreposição clara entre os pontos levantados aqui e as tradições da *grounded theory* (teoria fundamentada em dados) ou da teoria empírica (CHAMAZ e BELGRAVE, 2007; GLASER e STRAUSS, 1967), bem como os apelos mais gerais para o enraizamento dos estudos culturais (WOO, 2020). O elemento mais importante nestas tradições é que a teoria deve ser derivada das evidências. Este é o fundamento da teoria fundamentada em dados e o empírico da teoria empírica. As proposições teóricas derivadas dos projetos documentados neste artigo são sustentadas pelo trabalho etnográfico de 16 meses realizado por cada autor/a. Assim, não há aqui nenhuma crítica implícita à teoria fundamentada; ao invés disso, o artigo se constrói a partir dessa tradição.

A diferença fundamental entre a teoria fundamentada e a abordagem adotada aqui vem do argumento de partida – de que precisamos estar preocupados/as pelo menos tanto com as consequências da teoria quanto com suas origens. Isso não é algo que tenha sido destacado nessas abordagens anteriores. Mas é a perspectiva que leva à abordagem dialética que será descrita a seguir, na qual é no momento da apresentação da teoria que suas potenciais consequências negativas são prevenidas por meio do uso da exemplificação. Isso também explica por que muito deste artigo será sobre a disseminação da teoria, de novo um tópico que é objeto de preocupação nas definições das teorias fundamentada ou empírica. Em outras palavras, este artigo desloca o debate de onde a teoria vem ou do que ela é, para uma preocupação com o que a teoria faz. Para uma disciplina como os estudos culturais, com sua preocupação com a mediação, um foco na forma como apresentamos e comunicamos a teoria deveria fazer bastante sentido.

Outra razão para nos preocuparmos com as consequências da teorização e sua tendência de criar e manter elites emergiu, nos últimos anos, das críticas que assumem a perspectiva da decolonialidade (ex. MIGNOLO e ESCOBAR, 2010) e do feminismo (ex. THORNHAM, 2000). Por exemplo, há a falha em citar teóricos/as de populações e línguas mais marginalizadas. Não surpreendentemente, dadas suas histórias durante o período colonial, isso também se aplica às abordagens etnográficas e antropológicas (ex. DAVIS e CRAVEN, 2016 e SCHROCK, 2013, para a crítica feminista; BEJARANO *et al.*, 2019, para a crítica decolonial). Essas perspectivas críticas têm enfatizado o negligenciamento de populações marginalizadas e suas contribuições para a teoria, bem como os alinhamentos potenciais com o ativismo. O que este artigo acrescenta a tais argumentos é, novamente, uma ênfase nos processos de apresentar e disseminar a teoria para um público global. Como será mostrado na próxima seção, os projetos discutidos aqui têm sido particularmente bem sucedidos em alcançar populações globais que têm tradicionalmente lutado para acessar esse ramo da educação.

Desfetichizando a teoria

Para que a teoria da teoria avance, neste artigo, o próximo passo deve consistir na criação de um modelo da teoria desfetichizada. O fundamento desse processo deriva, em última análise, da filosofia hegeliana contida nos livros de Hegel *Fenomenologia do Espírito* (HEGEL, 1807) e *Filosofia do Direito* (1820). Isso decorre de um argumento que desenvolvi há algum tempo (MILLER, 1987). Meu uso do termo ‘fetichismo’ não se refere a nenhuma caracterização antropológica, mas ao uso do termo nos escritos marxistas (MARX, 1975) e, além disso, em Feuerbach (MARX e ENGELS, 2004), ambos baseados em suas respectivas interpretações de Hegel. Em termos abstratos, isso implica que a maioria das formas culturais – como a arte, o direito, mas também a teoria – começa refletindo sobre

as razões pelas quais as criamos. Mas depois desenvolvem um ímpeto em direção ao distanciamento e à abstração. Isso estabelece as condições para a alienação, em que essas formas se tornam opressivas ao invés de servir à humanidade. Como processo dialético, elas requerem, portanto, negação por meio da sublação⁷ (*Aufhebung*), que as traz de volta às suas intenções originais. Por exemplo, o direito é essencial, mas pode se desenvolver em um processo que beneficia majoritariamente os juristas, a menos que o retornemos à sua intenção original de servir ao nosso bem-estar enquanto lei. Embora previamente eu tenha aplicado esta perspectiva ao estudo do consumo e da cultura material (MILLER, 1987: 19-49), aqui ela será aplicada à própria teoria. No espírito deste artigo, vou explicar os argumentos deste parágrafo a partir de exemplos.

Tenho estado envolvido em dois projetos etnográficos comparativos de larga escala: o projeto *Why We Post* (Por que postamos), voltado ao uso e às consequências das mídias sociais, e o projeto *Anthropology of Smartphones and Smart Ageing* (ASSA - Antropologia dos Smartphones e do Envelhecimento Inteligente), que trata da relação entre smartphones, pessoas mais velhas e saúde. Estamos atualmente redigindo os resultados do segundo projeto, com 6 dos 11 livros propostos já concluídos. Um dos objetivos do ASSA é desenvolver perspectivas teóricas que nos ajudem a compreender o smartphone. Nossa primeira publicação comparativa, *The Global Smartphone* (MILLER *et al.*, 2021), contém muita ou pouca teoria, dependendo do que se entende por teoria. Se teoria significa citar acadêmicos estabelecidos que são conhecidos como teóricos, então este livro dificilmente pode ser considerado teórico. Dada a necessidade de priorizar o grande volume de resultados originais derivados de 11 pesquisadores/as, cada um/a vivendo durante 16 meses em comunidades, as referências a teóricos/as foram relegadas principalmente às notas finais. Ao invés de citar teóricos/as, o foco tem sido criar e apresentar perspectivas originais sobre o smartphone, que constituem nossa própria teorização do smartphone. Esses esforços visam ajudar a compreender, explicar e esclarecer achados sobre as maneiras pelas quais as pessoas o utilizam, bem como as consequências do seu uso.

Há discussões neste volume do que chamamos de Ecologia da Tela, Ecologia Social, Além do Antropomorfismo, Oportunismo Perpétuo, a Casa Transportal e Funcionalidade Escalável. Cada um desses termos é usado de um modo particular que os constitui como neologismos projetados para introduzir uma perspectiva teórica nas consequências dos smartphones para as vidas dos/as participantes de nossas pesquisas. Como neologismos, eles não estão necessariamente vinculados com teorias passadas, ainda que possam estar. Por exemplo, usamos o termo “Oportunismo Perpétuo” para explicar várias das maneiras que as pessoas usam os smartphones, assim como muitas das consequências de seu uso. O termo “Oportunismo Perpétuo” está claramente vinculado a um conceito anterior de “contato perpétuo”, que já foi influente no estudo de telefones celulares (KATZ e AAKHUS, 2002). Entretanto, trata-se de um desenvolvimento significativo, pois há uma grande diferença entre enfatizar o oportunismo e apenas apontar que os telefones nos permitem estar sempre em contato uns/umas com os/as outros/as. Grande parte do oportunismo que discutimos, como o uso da fotografia ou de mapas, pode ser completamente independente de contato pessoal.

Mas o que então torna esta exposição extravagante da teorização um exemplo de uma teoria conscientemente desfeticizada? Teorizar geralmente requer abstração, generalização e descontextualização. Significa que devemos sempre estar

⁷ Sublação é um conceito da filosofia de Hegel e diz respeito a um processo dialético em que algo é negado em sua forma original, mas guarda seus elementos originais, que são transformados.

conscientes de que a teoria contém o potencial de destruir o que foi descrito acima, com base em Ricoeur, como a capacidade humanística da narrativa de desenvolver a recontagem empática de como as pessoas ao redor do mundo lidam com a vida e criam cultura.

A abordagem que está sendo defendida aqui, para a construção de uma teoria desfeticizada, está baseada na concepção da teoria como um processo dialético que requer sua própria negação, preferencialmente no mesmo momento em que uma teoria é apresentada e explicada. Isso se realiza mais adequadamente por meio da exemplificação constante desta teoria como o próprio meio de sua apresentação. Este é o processo que será descrito a seguir a partir da análise de dois casos retirados de nosso livro *The Global Smartphone* (MILLER *et al.*, 2021). O primeiro é chamado de “Casa Transportal” e o segundo “Para Além do Antropomorfismo”. O objetivo é fazer com que a teoria deixe de ser um fim em si mesma e volte a ser um meio para melhor compreensão, esclarecimento e explicação de evidências: uma teoria que nos ajude a entender o mundo, em vez de acadêmicos/as explorando o mundo de modo a contribuir para a divindade da teoria.

A ‘Casa Transportal’

O que acontece quando chamamos o smartphone de Casa Transportal? A essência dessa teoria é uma mudança radical de perspectiva. Ela afirma que devemos considerar o smartphone menos como um dispositivo que usamos e mais como um lugar no qual agora vivemos. Isso também implica que o smartphone, enquanto lar, tem outras propriedades, como a capacidade de se conectar aos smartphones de outras pessoas como suas próprias casas transportais, de uma maneira que obviamente não seria verdade com uma casa concreta. A primeira tarefa, então, é fornecer evidência de que o smartphone é de fato considerado e experienciado como suficientemente análogo ao lar para tornar essa afirmação plausível e reveladora. A apresentação inicial é feita, portanto, por meio de exemplos que mostram como as pessoas em nossos campos de pesquisa parecem tratar os smartphones como um espaço doméstico. Há Susana, em Santiago do Chile, que nos conta sobre como ela mantém seu telefone organizado (*mantener el teléfono*): ‘*uma vez por mês, eu faço o download das fotos do telefone. Eu apago fotos, apago vídeos. Todo dia eu limpo o telefone. T-o-d-o dia...!*’ Ernestina gosta do aplicativo do Outlook porque consegue apagar e-mails facilmente. Ter algo chamado ‘lixeira de reciclagem’ ajuda a sustentar a analogia com o doméstico. Quando ela diz ‘*Gosto de manter o telefone organizado*’, o etnógrafo Alfonso Otaegui não pode deixar de notar o quão organizada é a sala de estar do apartamento de Susana.

As pessoas em Xangai agora utilizam o termo *duan-she-li* que significa ‘recusa-descarte-separação’. Para manter uma casa organizada, a pessoa precisa se recusar a comprar mais coisas e descartar o que não precisa. No entanto, em seu trabalho de campo, Xinyuan Wang observou que a frase era mais comumente usada em referência a organizar e limpar smartphones. Guanghai relata o seguinte: ‘Desde 2016, eu faco “*duan-she-li*” regularmente no meu WeChat. Geralmente, me sinto bem depois de deletar alguns contatos desnecessários’. Em Yaoundé, Patrick Awondo descobriu que a expressão apropriada é *faire le ménage*, que também significa fazer o trabalho doméstico, mas que é agora estendido para *faire le ménage dans mes contacts* (limpar meus contatos) e *faire le ménage sur mon écran* (limpar minha tela). Ainda mais revelador, as pessoas usam a frase *il y’a des gens que je ne veux plus laisser entrer chez moi* (há pessoas que eu não

deixaria entrar na minha casa), mas se referindo ao smartphone, não à casa onde eles dormem.

No parágrafo anterior, exemplos de três locais de pesquisa de campo diferentes são usados de forma a se reforçarem mutuamente para enfatizar o mesmo ponto básico. De modo similar, podemos ver uma analogia com uma casa composta por cômodos, como lugares separados para entretenimento, busca de informação para trabalhos escolares, socialização com amigos ou organização de assuntos financeiros. Ao estabelecer estas analogias, o passo seguinte é considerar como elas ajudam a explicar as consequências do smartphone. Por exemplo, nós argumentamos que, embora tenhamos nos habituado à ideia da internet como a morte da distância (CAIRNCROSS, 1997), o smartphone parece implicar em uma morte paralela da proximidade. Onde quer que uma pessoa aparentemente esteja, ela pode, na realidade, estar de volta à sua Casa Transportal. O efeito é romper radicalmente com as noções convencionais de público e privado, o que, por sua vez, leva ao protesto contra essa ruptura flagrante da etiqueta convencional. O problema é que o indivíduo próximo foi, de fato, para casa. Ele pode usar este portal para se desligar do lugar onde está sentado e retornar a um lar onde pode realizar muitas atividades familiares, variando de buscar entretenimento à organização da agenda, ou enviar mensagens para amigos e parentes por meio de mídias textuais e visuais. É perturbador quando alguém que parece estar sentada/o ao nosso lado, para todos os efeitos, se retirou para algum outro lugar, do qual somos excluídos/as, mesmo que permaneça em nossa presença física.

Tendo estabelecido de que modo o smartphone possui propriedades análogas à casa material, reconhecemos em seguida algumas das diferenças. A casa é imóvel e limitada em sua capacidade de interagir com o mundo mais amplo, exceto quando se sai de casa para encontrar pessoas, visto que a casa não possui a mobilidade crucial do corpo. Em contraste, a Casa Transportal fornece uma conexão fácil e instantânea com outro mundo: conversar por Skype ou Zoom com outros países, fazer compras em um shopping virtual ou jogar em um universo alternativo, tudo sem sair de nossos smartphones. Também podemos comparar com a dimensão afetiva da casa física. Por exemplo, a casa pode proporcionar uma sensação de posse, privacidade ou segurança. Todas elas são diferentes da dimensão afetiva dos smartphones. Isso inclui saber que a Casa Transportal fica confortavelmente no bolso ou a sensação de perda quando pessoas sem seus smartphones se sentem temporariamente desprovidas até mesmo da possibilidade de encontros sociais ou momentaneamente impedidas de acessar parte da própria memória. A teoria não está, evidentemente, afirmando que o smartphone seja o mesmo que uma casa tradicional. Ela argumenta que o smartphone é uma forma de lar que nunca antes existiu.

The Global Smartphone, examina, então, a relação entre essas duas versões do lar. Empregamos, ainda, outro termo, 'Ecologia das Telas', que considera a relação entre as várias telas que as pessoas usam em sua casa. Por exemplo, um casal aposentado em Xangai, estudado por Xinyuan Wang, usa oito telas diferentes em três cômodos no intervalo de uma única hora. Em um determinado momento, um iPad, colocado sobre uma bancada da cozinha, toca: "Deve ser Xiaotao!", exclama, com alegria, a senhora Huang. Ela busca o iPad e o coloca na mesa de jantar para que eles possam falar com seu neto em Pequim, onde seu genro trabalha. Eles só recebem visitas uma vez por trimestre, mas sua filha deu o iPad para a senhora Huang para pudessem usar o WeChat em uma tela portátil maior. De tempos em tempos, o senhor Huang fotografa a senhora Huang conversando

alegremente com Xiaotao e envia as imagens no grupo da família no WeChat. Enquanto ainda estão conversando, a Nainai de Xiaotao (avó paterna) responde a essas fotos com figurinhas fofas do WeChat, dizendo 'ótima foto'. Como ela estava visitando Xiaotao, ela pode então postar fotos da videochamada do outro lado. A senhora Huang, por sua vez, compartilha as fotos com seu grupo 'Irmãs' do WeChat, que inclui suas três grandes amigas. O tempo todo o casal se move entre telas e lugares diferentes em sua própria casa, mas ainda girando em torno da mobilidade central do smartphone.

Este exemplo, junto com outros, direciona o foco para um dos componentes-chave do lar enquanto um espaço doméstico. Enquanto a casa tradicional tem estreitado cada vez mais a família à sua forma nuclear, os smartphones, combinados com outras telas, revertem essa mudança histórica e trazem de volta a família extensa para algo mais próximo do pertencimento ao lar. Antes, o contato havia se tornado bastante formal, já que a família extensa se encontrava principalmente em ocasiões cerimoniais, mas a comunicação constante pelo WeChat ou, em outras regiões pelo LINE e WhatsApp, recria a informalidade do lar. Mas não inteiramente; The Global Smartphone argumenta que a nova família extensa pode ser mais aceitável porque as pessoas não estão, de fato, copresentes o tempo todo. Nossa evidência foi que isso é vivenciado como um tipo de compromisso menos oneroso do que o modelo tradicional de família. Em um livro recente, Hjorth *et al.* (2020) examinam uma ampla variedade de maneiras em que o uso do smartphone impactou as relações familiares e intergeracionais.

Este material tem por objetivo mostrar como as consequências potencialmente problemáticas da teoria podem ser negadas mesmo quando ela é apresentada. Pode-se considerar que isso tem dois componentes principais. O primeiro acaba de ser exemplificado. Apresentar a teoria por meio de muitos exemplos de nossos diversos locais de campo previne a teoria de se tornar excessivamente abstrata ou ofuscante. A pessoa leitora pode ver mais precisamente o que se entende por meio da imediatez de sua ilustração. Desta forma, o problema da abstração é negado pelo próprio meio de sua apresentação. O segundo componente trata de uma consequência adicional da abstração e da generalização: a descontextualização. Isso é importante para abordagens como as da antropologia e dos estudos culturais, em que a própria cultura é um componente crucial da produção do conhecimento. Até agora, os diversos locais de campo foram usados para criar argumentos comuns que estabelecem a teoria. Mas igualmente importante é o reconhecimento de que a teoria é sempre excessivamente generalizada em relação à cultura. Justamente por se basear em uma analogia com o lar, o significado da Casa Transportal sempre será contingente à diversidade de significados de 'casa' nesses contextos etnográficos. Assim, o próximo passo é esmiuçar a ideia da Casa Transportal, passando de uma série de generalizações universalistas para um entendimento de como essa perspectiva assume sentidos diferentes conforme o contexto. Três exemplos demonstram esta estratégia: a situação dos migrantes, dos idosos e dos jovens.

Nosso campo etnográfico em NoLo, em Milão, na Itália, inclui uma alta proporção de migrantes de outras partes do país, assim como do exterior. Shireen Walton observou que essas pessoas já percebiam limitações no conceito tradicional de casa como uma localização física única, o que os separaria de grande parte de sua família e de sua formação cultural. Para sicilianos/as vivendo em Milão, o smartphone os ajuda a aceitar que Milão é o lugar em que residem porque eles simultaneamente podem permanecer em 'sua terra' (mia terra) da Sicília, o lugar de suas memórias e sonhos. De modo similar, para migrantes do Peru ou do Egito,

o smartphone trouxe uma diferença profunda: eles/as não precisam mais escolher entre a identificação com sua família original, que ainda vive em sua terra natal, ou com sua nova família, que vive em seu local atual de residência. Ambos podem agora igualmente co-residir na Casa Transportal. Isso torna o conceito de Casa Transportal especialmente significativo para este grupo.

Laura Haapio-Kirk trabalhou no Japão, um país com uma proporção particularmente alta de pessoas idosas. Várias características da Casa Transportal podem ser especialmente relevantes para pessoas mais velhas. À medida que se tornam menos móveis, o smartphone se torna mais importante como uma casa a partir da qual eles/as podem se transportar, em contraste com aquela casa em que estão meramente confinados/as. Eles/as passam a ver um valor crescente no apoio de amigos por meio do aplicativo de mensagens LINE, conforme envelhecem e se tornam fisicamente restritos/as. Como Komatsu san, uma mulher de Kyoto na faixa dos 60 anos, explicou: *‘Eu acho que quando somos idosos, isso não significa que tenhamos amigos/as bem ao nosso lado. Então, o smartphone pode parecer ainda mais precioso para nós [na medida em que envelhecemos] porque ele nos permite continuar sociáveis’*.

Para a comunidade palestina estudada por Laila Abed Rabho e Maya de Vris, o smartphone se torna uma ferramenta importante de inclusão, já que aqueles/as que conseguem viajar enviam imagens e recebem comentários que ajudam a incluir aqueles/as que estão muito frágeis para se juntar a eles/as. No local de campo etnográfico em Xangai, é comum encontrar pessoas mais velhas que se mudaram para Xangai para cuidar de seus/suas netos/as. Elas podem achar difícil se adaptar à nova vida em Xangai, tendo sido desenraizadas de suas redes sociais anteriores e do apoio social em sua cidade natal. Agora elas se agarram àquilo que lhes proporciona uma experiência de um lar em que se sentem seguras e que, elas esperam, venha a ser seu lar dali em diante.

Se a Casa Transportal é particularmente significativa para pessoas mais velhas em razão de sua menor mobilidade física, ela também adquire importância crescente para pessoas jovens. Em lugares como Milão ou Dublin, uma grande fonte de ansiedade é que a geração anterior conseguia comprar sua própria casa, pelo menos quando desejava começar uma família. Mas não mais. O problema é que houve um aumento na expectativa de vida, acompanhado da incapacidade de construir habitações adicionais em número suficiente para suprir a consequente escassez de moradias. Como resultado, muitas pessoas jovens veem pouca perspectiva de conseguir comprar uma propriedade antes de formar uma família e se perguntam quando serão capazes de dar esse passo. Não é surpreendente que elas também desenvolvam um apego proporcional à única casa que podem adquirir e que, pelo menos, lhes dá um lugar em que sempre podem estar, um endereço que é fixo e pertence a elas. Quando as pessoas jovens são criticadas por pessoas mais velhas por sua ligação com as telas de seus smartphones, seria razoável para elas pontuarem, por sua vez, que as pessoas fazendo essas críticas geralmente possuem ou alugam uma casa própria, enquanto elas estão sendo condenadas por sua atenção à pequena casa que possuem, seus smartphones. Pode ser também que uma das razões pelas quais os jovens permanecem na casa dos pais seja que, graças à sua Casa Transportal, já dispõem de seu próprio espaço de privacidade sem precisar sair. Cada um desses três exemplos, migrantes, pessoas idosas e pessoas jovens, nega o efeito descontextualizador da teorização ao demonstrar imediatamente como esse conceito geral de Casa Transportal varia de acordo com essas diversas circunstâncias.

Finalmente, a teoria é contextualizada ao reconhecer o que pode ser nomeado como suas associações horizontais e verticais. Horizontal se refere a outros argumentos análogos. Um exemplo que já foi citado é o livro recente *Digital Media Practices* (HJORTH *et al.*, 2020), que explora um terreno próximo, especialmente no que diz respeito a outros argumentos que desenvolvemos no livro *The Global Smartphone* sobre a relação entre cuidado e vigilância. Há paralelos semelhantes com o trabalho sobre adultos mais velhos como transnacional na abordagem ‘*digital kinning*’ (parentesco digital) de Baldassar e Wilding (2019), Wilding *et al.* (2020) e, sem dúvida, em vários outros estudos contemporâneos.

A dimensão vertical se refere aos precedentes sobre os quais a teoria é construída: por exemplo, como foi sugerido antes, mostrando como o Oportunismo Perpétuo se constrói sobre a ideia prévia de contato perpétuo. Neste caso, há vários usos da analogia com a casa. Por exemplo, um livro do sociólogo Greshke (2012) intitula-se *Is There a Home in Cyberspace?* e considera se o mundo online, em geral, tem algumas das qualidades de um lar. Mas há muitos componentes específicos a estes argumentos sobre o smartphone como uma Casa Transportal, que não se aplicam à internet antes dos smartphones, quando era acessada por outros dispositivos. De modo semelhante, nossa perspectiva poderia ser comparada à sugestão de que o smartphone significa que agora nós vivemos em uma versão do que Augé (2008) considerou como uma experiência cada vez mais comum de não-lugar. Essa interpretação foi recentemente defendida por Bogost (2020). O conceito de Casa Transportal inverte esse argumento. Em vez de nos considerar como sem lugar/desterritorializados/as, nós sempre podemos saber onde vivemos e como os variados componentes da casa podem convergir, desde que estejamos preparados para considerar o smartphone como esse local estável. O que importa é o modo como o telefone celular é de fato imóvel, no sentido de permanecer constantemente na nossa presença. Haveria outros incontáveis exemplos dessa recontextualização da teoria, seja horizontalmente, em debate com outros/as pesquisadores/as contemporâneos, seja verticalmente, como um reengajamento com teóricos/as do passado.

Além do Antropomorfismo

O segundo exemplo pode ser descrito mais brevemente, já que tem a intenção principal de reiterar os mesmos pontos. O argumento é que, por mais de um século, a humanidade ficou fascinada pelo desenvolvimento do robô e seu potencial de realizar nossa imaginação de uma máquina antropomórfica que se assemelha muito a um ser humano. Isso pode ter nos levado a negligenciar uma trajetória mais profunda e mais avançada que está além da máquina antropomórfica - e está estabelecida no smartphone. Um smartphone não se parece em nada com um ser humano: a intimidade é promovida por meio de processos como a complementaridade e de próteses, bem como por sua capacidade de transformar o indivíduo a que pertence. No capítulo 6 de *The Global Smartphone*, é apresentada evidência de como os indivíduos têm transformado seus smartphones em um dispositivo que corresponde intimamente à sua própria personalidade e à sua percepção de si mesmos. A partir do trabalho de campo em Dublin, conduzido por mim e Pauline Garvey, é esboçado um contraste entre uma mulher que se vê como uma profissional exemplar e transformou seu iPhone em uma espécie de manual da vida, com instruções detalhadas sobre cada tarefa, como pagar uma conta específica. O extremo oposto é o descendente de pescadores rudes que desliga o Skype assim que sua filha deixa de morar na Austrália, a fim de preservar um funcionalismo

minimalista puro, utilizando o smartphone apenas para aquilo que considera estritamente necessário. Nós argumentamos que a habilidade dos/as usuários/as de transformar seus telefones por meio da recusa de usar aplicativos (apps), fazer o download de novos apps, mudar as configurações e fornecer conteúdo é uma contribuição muito mais significativa para esse processo de personalização do que a tão alardeada capacidade dos algoritmos e da inteligência artificial incorporados ao smartphone de modo a permitir que ele aprenda com o comportamento do/a usuário/a.

O smartphone é capaz de alcançar uma profundidade extraordinária de intimidade por meio dessa elaboração feita por usuários/as. Em um livro excelente chamado *Smarter Than You Think*, Clive Thompson (2013) documenta a maneira como os seres humanos se tornam mais inteligentes ao incorporar tais dispositivos. Não ter que memorizar ‘fatos’, mas ao invés disso memorizar o modo como usamos o smartphone para encontrar fatos, está nos tornando mais inteligentes. A melhor analogia para a ascensão dos smartphones é a invenção da imprensa e, depois, do livro, que relegou muitas funções anteriores da memória para o ‘retângulo rígido’ do livro, o que podemos considerar o precursor do disco rígido. Poucas pessoas teriam um problema com a sugestão de que os livros fizeram a humanidade mais inteligente, porque as pessoas estavam preparadas para ceder tantas memórias para a palavra escrita (ONG, 1982). Muitas das pessoas mais velhas neste volume veem o smartphone como uma *aide-mémoire* (resumo, guia rápido) literal. Por exemplo, Marília Duque (2022) trabalhou com pessoas em São Paulo que tinham uma ansiedade considerável em relação à demência e à perda de memória e viam o smartphone como um dispositivo importante não apenas para encontrar e armazenar informação, mas também para exercícios de treinamento do cérebro que, elas esperam, poderiam retardar o início da demência.

Assim como o argumento sobre a Casa Transportal começa com observações generalizadas que se aplicam em várias regiões, também estes pontos sobre a potencial transformação dos smartphones para se tornarem expressões do indivíduo, ou o complemento para funções cognitivas, podem ser generalizadas para todos os nossos locais de campo. A diferença entre este exemplo e a Casa Transportal vem da relação entre dois estágios de negação. No caso do Além do Antropomorfismo, a ênfase recai sobre cada indivíduo específico. Em disciplinas como a antropologia e os estudos culturais, os indivíduos são sempre considerados como situados em uma cultura normativa (MILLER, 2009). Ao descrever um indivíduo em uma publicação, o/a pesquisador/a tem que indicar se este indivíduo está sendo usado para exemplificar um caráter típico ou, no outro extremo, uma excentricidade. Então, neste caso, a segunda parte da negação, que é a recontextualização da teoria em diversos contextos culturais, decorre imediatamente da primeira.

Por um lado, *The Global Smartphone* descreve indivíduos particulares da Irlanda. Por exemplo, um homem que sempre carregava cinco telefones em seus bolsos, sobretudo para gravar música. Ou uma mulher que também tem vários telefones e carregadores porque ela considera o Instagram uma espécie de prática de *mindfulness* (atenção plena), demonstrando sua capacidade de apreciar o potencial estético do momento presente. Ambos seriam considerados por seus pares como excêntricos. Mais comumente, em uma monografia, o indivíduo é empregado como um exemplo para manifestar o caráter típico, como era o caso da figura do irlandês rude e pragmático que representa um ideal de masculinidade áspera e prática nesse contexto irlandês. Seja visto como típico ou excêntrico,

cada exemplo ajuda a esclarecer e ilustrar o que o termo ‘Além do Antropomorfismo’ pretende significar. Ao mesmo tempo, ao evidenciar a diversidade cultural, esses exemplos também ajudam a negar a descontextualização que, de outra forma, seria uma consequência da teorização.

O método da exemplificação não deveria ser visto como meramente uma reflexão passiva de valores culturais anteriores. Já mencionamos anteriormente exemplos de como o smartphone muda nossa relação com a família extensa. De modo similar, em Yaoundé, Patrick Awondo encontrou evidências de que o smartphone contribui para a formação de uma nova esfera pública entre a classe média no Camarões contemporâneo, que se engaja com a política por meio dos smartphones. Este argumento é bem específico de Camarões. Não há sugestão de uma transformação parecida da política na Irlanda, por exemplo. Outros casos podem ser generalizações parciais. Charlotte Hawkins, em seu trabalho de campo em Kampala, encontrou resultados sobre esquemas de crédito rotativo e dinheiro móvel semelhantes às evidências de Yaoundé, o que sugere generalizações em uma escala mais ampla dentro da África, que, entretanto, não se estenderiam a outras regiões. Há um espectro nesses exemplos que mostra como uma teoria pode ter aplicação mais geral, revelar maior diversidade em seu uso ou ser inapropriada em certos contextos regionais.

Os projetos *Why We Post* e *ASSA* são incomuns por serem baseados em múltiplas etnografias simultâneas. Pode ser que etnografias isoladas tenham, no passado, tendido a recorrer rapidamente a teorias pré-existentes ou à chamada ‘grande teoria’ para compensar seu inevitável paroquialismo. Em contraste, os vários locais de campo desses projetos fornecem uma base mais confiável para afirmar novas perspectivas teóricas. Seria errado concluir, no entanto, que etnografias individuais não podem contribuir dessa forma. A principal solução para elas é abraçar os estudos comparativos como um veículo para desenvolver o mesmo tipo de teorização abrangente que foi encontrada nestes projetos multisituados.

Disseminação como a maior desfeticização da teoria

O processo de desfeticização foi discutido tanto como/quanto por meio da utilização de exemplos. Mas se a preocupação primária é com as consequências da teoria, então a tarefa precisa ser continuada para além da escrita de artigos científicos e monografias. O objetivo final é substituir a criação e a reprodução de diferenças de classe por uma produção que contribua para uma educação global inclusiva e acessível. A razão pela qual esse retorno da teoria a contextos globais diversos é tão importante é que, em ambos os projetos, assumimos o compromisso com uma antropologia global que visa a inclusão das populações do mundo. Isto significou escrever antropologia em um formato igualmente claro e acessível em diferentes partes do globo. Um/a consumidor/a de teoria não poderia empreender essas tarefas se a teoria era, de algum modo, ininteligível ou inacessível. Pelas mesmas razões, foi importante que os 11 volumes do *Why We Post* fossem escritos em um inglês claro e, em vários casos, traduzidos na língua local dos lugares de campo de pesquisa etnográfica, além de disponibilizados gratuitamente em formato de acesso aberto. Nós escrevemos postagens curtas de blog, pelo menos semanalmente, por mais de sete anos, para ajudar as pessoas a se sentirem engajadas com a pesquisa. Também criamos cerca de cem filmes curtos, assim como um curso universitário de acesso livre (MOOC - *massive online open course* - curso online massivo e aberto) na plataforma *FutureLearn*. Uma inovação do

projeto ASSA é que os filmes curtos são incorporados aos livros da série, juntamente com as fotografias mais convencionais e os infográficos. Finalmente, o projeto *Why We Post* também produziu cadernos didáticos para escolas, de modo que os resultados pudessem ser adaptados aos currículos educacionais

O resultado não foi apenas que a série *Why We Post* atingiu mais de um milhão de downloads. Mais importante foi o alcance global com, por exemplo, mais de 20 mil downloads nas Filipinas e no Brasil, mais de 10 mil na Nigéria e na Indonésia e mais de 5 mil na Etiópia e em Hong Kong. O número de 1 milhão pode ser comparado ao que se tornou padrão para as monografias etnográficas, que tipicamente alcançam cerca de 600 cópias vendidas por volume. O efeito é deslocar esses supostos insights teóricos da mera circulação interna em universidades metropolitanas para uma forma de educação acessível ao público em geral. Os/as autores/as destas duas séries de livros também são globais, incluindo antropólogos/as da América Latina, África, Índia e China, bem como da Europa, Ásia Ocidental e América do Norte.

Atualmente (2021), estamos oferecendo um MOOC, ou curso universitário livre e gratuito, na plataforma *FutureLearn*. Ele é baseado no projeto *Why We Post*. Um segundo MOOC será criado para o projeto ASSA. O principal contexto para o consumo de teoria acadêmica é o ensino universitário. Uma preocupação com as consequências da teoria deveria, então, prestar atenção especial ao ensino universitário. A pandemia resultou em uma mudança brusca e vasta para o ensino online, mas a direção já era evidente. Um dos potenciais criados pelo ensino e publicação online é que a publicação acadêmica no futuro pode se tornar menos finita, estando sujeita a constante atualização conforme sua recepção, algo que já está presente nos extensos comentários que são encontrados anexados aos textos, como os de blogs. Isso vai além da simples acessibilidade, avançando para a incorporação de consumidores/as de teoria no próprio refinamento da teoria.

No curso atual, são apresentadas ideias teóricas, como Polimídia e Socialidade Escalável, utilizadas no *Why We Post*. As pessoas que fazem este curso, que podem ser da Argentina ou do Vietnã, discutem essas proposições em seus comentários, principalmente com referência ao uso local. Os/as demais estudantes então comparam esses comentários com as circunstâncias de sua própria região. A teoria deixa de ser posse de teóricos/a: sendo cedida e devolvida às pessoas que poderiam ter sido participantes da pesquisa, mas que aqui se tornam consumidoras de teoria da qual passam a se apropriar. Elas avançam na tarefa de descontextualização por meio do fornecimento de sua própria contribuição regional. Em seguida, estão livres para transformar a teoria ao aplicá-la às suas próprias circunstâncias. Às vezes, quando percebem que a teoria não é adequada – e essas proposições raramente são universalistas –, podem rejeitar sua relevância para sua própria população. Aqueles/as envolvidos/as com o ensino podem levar essa evidência em consideração quando revisam suas teorias. De forma similar, em parceria com o Centre for Digital Anthropology, na UCL (University College London), desenvolvemos recentemente um site chamado anthrocovid.com, onde antropólogos/as do mundo todo puderam descrever as respostas à Covid-19 em sua região - material que eu estou, por sua vez, usando para escrever um artigo sobre o equilíbrio entre cuidado e vigilância na resposta à Covid-19.

Segue-se que as estratégias de negação por meio da exemplificação são essenciais, mas não suficientes, para a consecução do objetivo principal deste artigo, que é transformar a teoria de um veículo de exclusividade em um de inclusão. Isso requer mudanças adicionais, que incluem garantir que esses exemplos sejam apresentados de forma clara, em linguagem acessível, de modo que uma pessoa

com educação limitada possa seguir os argumentos e criticá-los ou contribuir com eles, caso assim deseje. Trata-se de um mecanismo para estimular a reflexão e o debate em torno de um objeto ubíquo – no caso do projeto ASSA, o smartphone – junto ao que esperamos que volte a ser um milhão de interlocutores/as. O objetivo final é que, por meio da teoria, essas pessoas possam compreender melhor, explicar e esclarecer o papel dos smartphones e as consequências de seu uso na vida cotidiana. Como observado anteriormente, é justamente por se tratar de um tema de interesse tão amplo, que as orientações defendidas neste artigo se mostram particularmente pertinentes, algo que dificilmente ocorreria em relação a tópicos mais esotéricos da investigação acadêmica.

Conclusão

Este artigo começou sugerindo que nossa preocupação principal não deveria ser com a definição do que é teoria, mas sim assumir a responsabilidade pelas consequências da teorização que nós mesmos/as construímos. O problema é que, nos últimos quarenta anos, houve uma trajetória em direção a formas de teorização que criam distinções de classe entre elites acadêmicas, que passam a liderar uma classe do conhecimento em oposição à população em geral, excluída por não dispor dos meios para decodificar a teoria. Críticas das perspectivas feministas e decoloniais têm mostrado como as contribuições de populações marginalizadas foram negligenciadas. Este artigo acrescentou uma ênfase à disseminação da teoria justamente para essas mesmas populações. O processo de distinção de classes se apoia na crescente fetichização da teoria. O que começou como um meio para compreender, esclarecer e explicar descobertas empíricas se transformou no objetivo e propósito final do trabalho acadêmico, uma tarefa com a qual cada ensaio estudantil deve estar explicitamente engajado. Este artigo certamente não é anti-teoria. Na verdade, defende mais teoria nas ciências sociais, e não menos. Todos/as nós queremos explicar e compreender o mundo, não apenas descrevê-lo. Para isso, precisamos de teoria. Mas quando os/as acadêmicos/as trazem insights originais e clareza por meio da teoria, isso deve beneficiar a todos/as, não apenas a si mesmos/as.

A teoria da teoria apresentada neste artigo argumentou que deve existir uma versão alternativa e desfetichizada da teoria. Com este propósito, a teoria deveria ser considerada como um processo dialético no sentido proposto pela filosofia hegeliana. A ideia central é que a teoria pode incorporar suas próprias estratégias de negação. Abstração, generalização e descontextualização são propriedades intrínsecas da teorização. Essas propriedades são essenciais para o propósito mais amplamente reconhecido da teorização, que é explicar o fenômeno observado. Mas essas mesmas propriedades podem levar à ofuscação e a uma descontextualização radical que torna os conceitos e as proposições inteligíveis apenas no plano da própria teoria. Nesse ponto, a teoria se torna fetichizada e opressiva, com a principal consequência de que o ensino superior se torna um dos principais contribuintes para a diferenciação de classes, já que a ininteligibilidade é em si um componente de diferenciação entre aqueles/as que afirmam entender a teoria e aqueles/as que se sentem confusos/as e excluídos/as.

Conclui-se que precisamos domar a fera da teoria e reconduzi-la ao seu potencial mais inclusivo de esclarecimento e compreensão do mundo. O artigo propôs que esse objetivo pode ser alcançado por meio de três estágios de negação. O primeiro estágio consiste em apresentar a teoria imediatamente por meio de exemplificação, de modo que, desde o início, fique claro o que se entende por essa

teoria aplicada a casos concretos, e também como se pode vislumbrar o uso dessa teoria em outros casos. A segunda negação estratégica consiste em usar exemplos que recontextualizem a teoria, mostrando como ela terá significados e implicações diferentes dependendo do contexto específico em que está sendo aplicada. Essas estratégias ajudam a contrapor a abstração, a generalização e a descontextualização exigidas pela teoria. Ter uma base em projetos multissituados, como descrito neste artigo, ou, alternativamente, em estudos qualitativos unissituados, trabalhando inicialmente por meio de comparação, contribui para o desenvolvimento de uma teoria original decorrente de observações empíricas, em vez de se apoiar em uma grande teoria preexistente.

O terceiro estágio consiste em que a teoria, juntamente com sua exemplificação, seja apresentada em diversas formas de disseminação, com clareza suficiente para permanecer inteligível e, assim, acessível a pessoas de diferentes níveis educacionais. Uma contribuição central para esse terceiro estágio será o avanço do acesso aberto, de modo que não haja barreiras financeiras à acessibilidade, bem como o uso de linguagem mais próxima do cotidiano e traduções sempre que possível. Se essas condições forem atendidas, então a teoria poderá se tornar uma contribuição para a educação global, em vez de um instrumento de diferenciação de classe.

Financiamento

O autor declarou o recebimento dos seguintes apoios financeiros para a pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo: o projeto *SmartPhoneSmartAging* recebeu financiamento do *European Research Council* (ERC) no âmbito do programa de pesquisa e inovação *European Union's Horizon 2020* (termo de financiamento 740472).

Sobre o autor

Daniel Miller é professor de Antropologia no University College London. Ele é diretor do projeto *Anthropology of Smartphones and Smart Ageing (ASSA)* e foi diretor do projeto *Why We Post*. É autor, editor ou coautor de 41 livros, incluindo *Ageing with Smartphones in Ireland* (com P. Garvey), *How the World Changed Social Media* (com oito outros autores), *The Comfort of People, Social Media in an English Village*, *Tales from Facebook*, *Digital Anthropology* (editado com H. Horst), *The Comfort of Things, Stuff*, *Teoria das Compras e Material Culture and Mass Consumption*.

Referências

ALASUUTARI, Pertti. Theorizing in qualitative research: A cultural studies perspective. *Qualitative Inquiry*, 2 (4): 371-83, 1996.

AUGÉ, Marc. *Non-places: Introduction to an anthropology of supermodernity*. London: Verso, 2008.

BALDASSAR, Loretta; WILDING, Raelene. Migration, aging and digital kinning. *The Gerontologist*, 60 (2): 313-21, 2019.

BEILHARZ, Peter (ed.). *Social theory: A guide to central thinkers*. London: Allen and Unwin, 1991.

BEJARANO, Cynthia A.; JUÁREZ, Lucía L.; MIJANGOS GARCIA, María A.; GOLDSTEIN, Daniel M. *Decolonizing ethnography: Undocumented immigrants and new directions in social science*. Durham, NC: Duke University Press, 2019.

BHABHA, Homi. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.

BOGOST, Ian. Every place is the same now. *The Atlantic*, 17 jan. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *Distinction*. London: Routledge and Kegan Paul, 1979.

CAIRNCROSS, Frances. *The death of distance: How the communications revolution will change our lives*. Cambridge: Harvard Business School Press, 1997.

CHARMAZ, Kathy; BELGRAVE, Linda. "Grounded theory". In: RITZER, George (ed.). *The Blackwell encyclopaedia of sociology*. Oxford: Blackwell, 2007.

CULLER, Jonathan; LAMB, Kevin. *Just being difficult? Academic writing in the public arena*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2003.

DAVIS, Dana-Ain; CRAVEN, Christa. *Feminist ethnography*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus*. New York: Viking Press, 1972.

DUQUE, Marília. *Ageing with smartphones in urban Brazil*. London: UCL Press, 2022.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. *The discovery of grounded theory*. Chicago: Aldine Publishing, 1967.

GRESCHKE, Heike. *Is there a home in cyberspace? The Internet in migrants' everyday life and the emergence of global communities*. London: Routledge, 2012.

HALL, Gary; BIRCHELL, Clare (eds.). *New cultural studies: Adventures in theory*. Athens, GA: University of Georgia Press, 2006.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.). *Resistance through rituals: Youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutchinson, 1976.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: The meaning of style*. London: Routledge, 1979.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *The philosophy of right*. Oxford: Oxford University Press, 1967.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Phenomenology of spirit*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

HJORTH, Larissa et al. *Digital media practices in households*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020.

KATZ, James; AAKHUS, Mark (eds.). *Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LACAN, Jacques. *Écrits: a selection*. Tradução de Alan Sheridan. London: Tavistock, 1977.

- MARX, Karl. *Early writings*. Harmondsworth: Penguin, 1975.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The German ideology*. Harmondsworth: Penguin, 2004.
- MIGNOLO, Walter; ESCOBAR, Arturo (eds.). *Globalisation and the decolonial option*. London: Routledge, 2010.
- MILLER, Daniel. *Material culture and mass consumption*. Oxford: Blackwell, 1987.
- MILLER, Daniel. "Individuals and the aesthetic of order". In: MILLER, Daniel (ed.). *Anthropology and the individual*. Oxford: Berg, 2009. pp. 3-24.
- MILLER, Daniel et al. *The global smartphone: Beyond a youth technology*. London: UCL Press, 2021.
- ONG, Walter. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.
- RICOEUR, Paul. *Time and narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1984-1988.
- SCHROCK, Rick D. The methodological imperatives of feminist ethnography. *Journal of Feminist Scholarship*, 5 (fall): 54-60, 2013.
- SEIDMAN, Steven; ALEXANDER, Jeffrey. *The new social theory reader*. London: Routledge, 2001.
- SLACK, Jennifer. "The theory and method of articulation in cultural studies". In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (eds.). *Stuart Hall: Critical dialogues in cultural studies*. London: Routledge, 1996. pp. 112-127.
- SUTTON, Robert; STAW, Barry. What theory is not. *Administrative Science Quarterly*, 40 (3): 371-84, 1995.
- THOMPSON, Clive. *Smarter than you think*. London: William Collins, 2013.
- THORNHAM, Sue. *Feminist theory and cultural studies: Stories of unsettled relations*. London: Bloomsbury, 2000.
- WEICK, Karl. What theory is not, theorizing is. *Administrative Science Quarterly*, 40 (3): 385-90, 1995.
- WILDING, Raelene; BALDASSAR, Loretta; GAMAGE, Sujatha. Digital media and the affective economies of transnational families. *International Journal of Cultural Studies*, 23 (5): 639-55, 2020.
- WILLIS, Paul. *Learning to labour: How working-class kids get working class jobs*. UK: Saxon House, 1977.
- WOO, Benjamin. Cultural studies and actually existing culture. *International Journal of Cultural Studies*, 23 (3): 210-6, 2020.

VOLUME 13
NÚMERO 32
(MAIO/AGO.2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:
**MASCULINIDADES, CURSO
DE VIDA E CUIDADO**

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE MARÇO
DE 2026

COORDENADORXS:
DR. ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA (UFGD)
DR. MARCOS NASCIMENTO (FIOCRUZ)
DR. CAMILO BRAZ (UFG)

32

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 13
NÚMERO 33
(SET./DEZ.2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:
**ÉTNOGRAFIA, ESCRITA DE SI
E ESCRITA ENTRE OS SEUS:
EXPERIMENTAÇÕES,
DESAFIOS
E POTENCIALIDADES**

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE JULHO
DE 2026

COORDENADORXS:
DR. DR. LEANDRO DE OLIVEIRA (UFMG)
DR. DR. FELIPE TUXÁ SOTTO MAIOR CRUZ (UFBA)

33

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 14
NÚMERO 34
(JAN./ABR.2027)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:
**CIDADES EM DISPUTA:
GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE
E OUTRAS DIFERENÇAS
NA PRODUÇÃO DO
ESPAÇO URBANO**

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE NOVEMBRO
DE 2026

COORDENADORXS:
DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)
DR. DR. FRANON PEREIRA DOS REIS (UFPA)

34

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso